



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE BRAGANÇA
INSTITUTO DE ESTUDOS COSTEIROS
FACULDADE DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS**

PATRICK ROSÁRIO RIBEIRO

**PERCEPÇÕES DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO NA EJA: EXPERIÊNCIAS
FORMATIVAS E DESAFIOS PEDAGÓGICOS PARA EDUCAÇÃO CLIMÁTICA**

BRAGANÇA - PA

2026

PATRICK ROSÁRIO RIBEIRO

**PERCEPÇÕES DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO NA EJA: EXPERIÊNCIAS
FORMATIVAS E DESAFIOS PEDAGÓGICOS PARA EDUCAÇÃO CLIMÁTICA**

Trabalho de Curso, apresentado à Faculdade de Ciências
Biológicas da Universidade Federal do Pará – UFPA,
Instituto de Estudos Costeiros (IECOS), como requisito
parcial para obtenção de grau de Licenciado em Biologia
pelo curso de Licenciatura em Ciências Biológicas.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª Priscilany Cavalcante dos Santos.

BRAGANÇA - PA

2026

PATRICK ROSÁRIO RIBEIRO

**PERCEPÇÕES DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO NA EJA: EXPERIÊNCIAS
FORMATIVAS E DESAFIOS PEDAGÓGICOS PARA EDUCAÇÃO CLIMÁTICA**

Trabalho de Curso, apresentado à Faculdade de Ciências
Biológicas da Universidade Federal do Pará – UFPA,
Instituto de Estudos Costeiros (IECOS), como requisito
parcial para obtenção de grau de Licenciado em Biologia
pelo curso de Licenciatura em Ciências Biológicas.

Orientadora: Prof^a. Dr^a Priscilany Cavalcante dos Santos.

Data de aprovação: 03/07/2026

Conceito: Excelente

Banca Examinadora

Orientadora

Prof^a. Dr^a Priscilany Cavalcante dos Santos – UFPA

Examinador(a) interno

Prof^a. Dr^a Lilliane Miranda Freitas - UFPA

Examinador(a) externo

Prof^a. M^a. Taiane Novaes do Carmo - SEDUC-PA

À minha mãe, às minhas avós e ao meu pai, que com amor e sabedoria sempre me guiaram. Dedico esta conquista a vocês, que me mostraram que é através dos estudos que transformamos sonhos em realidade e alcançamos nossos objetivos. Obrigado por serem minha base e minha inspiração. À memória de Leilane Costa Brito, um ser de luz inesquecível, que preencheu meus dias com o mais puro amor e uma cumplicidade sem igual. A saudade é imensa, mas a gratidão por ter compartilhado a vida com você é eterna.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, por ser a minha força e o meu guia em todos os momentos. Sua presença foi o alicerce que me sustentou nos dias mais difíceis e a luz que iluminou o meu caminho até a conclusão desta jornada. À Nossa Senhora de Nazaré, por sua intercessão, colo de mãe e proteção constante. Sob o seu manto sagrado encontrei o conforto e a paz necessários para superar os desafios ao longo da caminhada.

À minha família, que é a base de tudo o que sou. Em especial, agradeço à minha mãe Simone Rosário e à minha avó Francisca Rosário, mulheres guerreiras que não mediram esforços para que eu pudesse estudar. O amor incondicional, as orações e o apoio incansável de vocês foram o combustível que me fez seguir em frente. Este trabalho também é de vocês.

Aos meus amigos, que tornaram a rotina acadêmica mais leve e cheia de significado. Agradeço pelas conversas, pelos momentos de descontração, pelo companheirismo nos dias de cansaço e por partilharem comigo os sorrisos e os aprendizados dessa caminhada. E, de forma muito especial, aos meus amigos da vida, pelo apoio incondicional, pela escuta generosa nos momentos de cansaço e por serem o meu porto seguro fora das salas de aula. A presença e o incentivo de cada um de vocês foram fundamentais para que eu não desistisse.

À minha orientadora, pela paciência, dedicação e generosidade em compartilhar seu conhecimento. Sua condução firme, ensinamentos valiosos e confiança no meu potencial foram fundamentais para o amadurecimento deste trabalho e para a minha formação.

Ao professor regente, pelo suporte indispensável, pelas orientações em sala de aula e por contribuir de maneira tão significativa no acompanhamento e no desenvolvimento das minhas atividades acadêmicas.

Por fim, à Universidade Federal do Pará (UFPA), instituição que me acolheu e proporcionou um espaço de crescimento, aprendizado e transformação. Sou grato(a) por todas as oportunidades vividas e pelo orgulho de carregar essa formação.

RESUMO

O estágio supervisionado na Educação de Jovens e Adultos (EJA) constitui uma etapa indispensável na formação docente, permitindo o contato com sujeitos que possuem trajetórias escolares interrompidas e histórias de vida marcadas por desigualdades socioeconômicas. O presente artigo objetivou revelar as percepções construídas durante o estágio supervisionado na EJA, destacando os desafios enfrentados, as estratégias pedagógicas utilizadas e as contribuições dessa experiência na formação docente crítica e inclusiva. Metodologicamente, a pesquisa adotou uma abordagem qualitativa de natureza descritiva e reflexiva, fundamentada no relato de experiência de um estágio realizado em uma escola pública, da rede estadual de ensino, no município de Bragança, Pará. As atividades ocorreram entre outubro e dezembro de 2025, envolvendo observação, participação e regência em uma turma de 20 alunos, tendo como eixo temático central o racismo ambiental. A coleta de dados baseou-se em observações diretas, anotações em diário de campo e conversas informais com alunos e o professor regente. Os resultados demonstram que a utilização de metodologias ativas e recursos variados como imagens artísticas, fotografias de áreas vulneráveis e vídeo foi essencial para promover o engajamento dos estudantes e a reflexão crítica sobre a justiça climática. Observou-se que a crise ambiental afeta populações historicamente vulnerabilizadas, e que a escola deve atuar como um espaço de diálogo que valide os saberes prévios dos educandos. Entretanto, a baixa frequência e a evasão escolar emergiram como desafios persistentes, reforçando a necessidade de políticas de acolhimento que considerem as especificidades laborais e sociais desse público. Conclui-se que o estágio na EJA cumpriu seu papel transformador, pois as reflexões que emergiram no processo de estágio na EJA favoreceram ao futuro professor uma prática pedagógica comprometida com a equidade e a justiça social.

Palavras-chave: educação de Jovens e Adultos; racismo ambiental; evasão escolar; estágio supervisionado.

ABSTRACT

The supervised internship in Youth and Adult Education (EJA) is an essential stage in teacher training, allowing contact with individuals who have had interrupted schooling and life stories marked by socioeconomic inequalities. This article aimed to reveal the perceptions built during the supervised internship in EJA, highlighting the challenges faced, the teaching strategies used, and the contributions of this experience to critical and inclusive teacher training. Methodologically, the research adopted a qualitative approach of a descriptive and reflective nature, based on the experience report of an internship carried out in a public school within the state education network in the city of Bragança, Pará. The activities took place between October and December 2025, involving observation, participation, and leading a class of 20 students, with a central thematic focus on environmental racism. Data collection was based on direct observations, notes in a field journal and informal conversations with students and the head teacher. The results show that using active methodologies and a variety of resources like artistic images, photos of vulnerable areas, and films was essential in boosting student engagement and critical reflection on climate justice. It was observed that the environmental crisis affects historically vulnerable populations, and that schools should act as a space for dialogue that validates students' prior knowledge. However, low attendance and school dropout emerged as ongoing challenges, highlighting the need for support policies that take into account the specific work and social circumstances of these students. In conclusion, the internship in EJA fulfilled its transformative role, as the reflections that emerged during the internship helped the future teacher develop a teaching practice committed to equity and social justice.

Keywords: youth and Adult Education; environmental Racism; school Dropout; supervised Internship.

APRESENTAÇÃO

Escrever este trabalho foi, acima de tudo, percorrer um caminho de descobertas, desafios e muito aprendizado. Para além de uma exigência acadêmica, este texto reflete o meu amadurecimento ao cruzar a pesquisa científica com a prática viva da sala de aula. Começo contextualizando as ideias e teorias que me moveram, passando depois para os caminhos metodológicos e escolhas que fiz para conseguir olhar de perto a realidade estudada, assim produzir interpretações no contexto do estágio supervisionado. A ênfase deste trabalho ocorre na seção de resultados e discussão, onde transformei o que observei e registrei em quatro grandes eixos de interpretação e reflexão.

A primeira categoria, que chamei de **Percepção sobre a aula temática de Educação Ambiental e Climática**, nasceu do desejo de compreender a integração entre educação ambiental crítica e questões sociais relevantes, como o racismo ambiental e a evasão escolar. A aula analisada evidenciou uma abordagem transversal e interdisciplinar, articulando conteúdos de Biologia e Educação Ambiental em consonância com a BNCC, promovendo reflexões que relacionam ciência, sociedade e cidadania. O professor da sala de aula trouxe o conceito de racismo ambiental como eixo central da discussão, ampliando o debate para dimensões éticas e sociais, e incentivou os estudantes a refletirem sobre fatores que contribuem para o abandono escolar, valorizando suas trajetórias de vida.

A prática pedagógica observada também revelou a heterogeneidade característica da EJA, com diferentes níveis de participação entre os alunos, e utilizou recursos simples, como o quadro, para sistematizar ideias e aproximar os conteúdos da realidade cotidiana. Essa categoria demonstrou uma prática educativa crítica, inclusiva e transformadora, comprometida com a formação integral dos estudantes e com o fortalecimento da consciência cidadã, preparando futuros docentes para compreenderem as especificidades da modalidade e responderem às demandas sociais e culturais que permeiam o processo educativo.

Já a segunda, intitulada **Percepção sobre a aula temática de Justiça Climática**, refere-se à observação de práticas pedagógicas na EJA que integram arte, tecnologia e reflexão crítica sobre questões ambientais e sociais. A aula analisada utilizou como recurso didático a imagem “Floresta em chamas”, da artista Letícia Nunes, estimulando os estudantes a refletirem sobre a devastação ambiental e suas implicações sociais. A metodologia valorizou a participação

coletiva por meio da construção de uma nuvem de palavras, na qual emergiram conceitos como desigualdade, sustentabilidade e políticas públicas, evidenciando a compreensão dos alunos sobre o racismo ambiental e a justiça climática.

O uso de recursos visuais e artísticos favoreceu o engajamento, a contextualização dos conteúdos e o desenvolvimento do senso crítico, em consonância com os pressupostos freireanos ao enfatizar o diálogo e educação emancipatória. Essa categoria evidenciou práticas pedagógicas que tornam o processo educativo mais significativo, inclusivo e transformador, fortalecendo a consciência cidadã e reafirmando a relevância da EJA como espaço de reparação de desigualdades e promoção da justiça social.

Na terceira categoria, **Percepção sobre a aula temática Impactos do Racismo Ambiental**, busco aprofundar o olhar sobre a observação da aula que utilizou fotografias de territórios vulneráveis como recurso pedagógico para discutir justiça climática e os impactos do racismo ambiental. A prática buscou estimular a construção de um espaço de diálogo, relacionando as imagens com suas próprias vivências e com as desigualdades socioambientais que atingem populações periféricas e racializadas.

Apesar da baixa frequência de alunos, a atividade evidenciou a importância de políticas de acolhimento e permanência na EJA, destacando que a evasão escolar está ligada a barreiras estruturais e não apenas individuais. Essa categoria mostrou como o uso de recursos visuais pode fortalecer a consciência crítica, promover cidadania e reafirmar a EJA como espaço de inclusão, reparação de desigualdades e transformação social.

Enquanto a quarta e última categoria, **Percepção sobre a aula temática Racismo Ambiental**, refere-se à regência realizada na EJA com a temática do racismo ambiental, utilizando o recurso audiovisual como estratégia pedagógica para romper com práticas tradicionais e estimular reflexões críticas. A exibição de um vídeo sobre o racismo em suas múltiplas dimensões funcionou como disparador para o diálogo, permitindo que os estudantes relacionassem o tema às suas próprias trajetórias escolares e às desigualdades sociais que marcam suas vidas. Essa categoria destacou a importância de práticas inovadoras e contextualizadas na EJA, capazes de articular questões ambientais e sociais, reconhecer os estudantes como protagonistas e contribuir para sua formação cidadã e emancipatória.

Este Trabalho de Curso me deu a base para produzir um artigo científico, que submeti para o evento internacional XIII CONGRESO LATINOAMERICANO DE ENSEÑANZA DE LA

BIOLOGÍA Y LA EDUCACIÓN AMBIENTAL, que será realizado na cidade de Bogotá, Colômbia nos dias 19 a 21 de outubro de 2026, levando nossas discussões para um horizonte ainda maior. Além disso, os primeiros achados e recortes dessa caminhada viraram um resumo expandido, que apresentei e debati com colegas e professores no I Seminário de Ensino, Pesquisa e Extensão em Ciências Biológicas, I SEPECBIO, realizado nos dias 26 e 27 de março de 2026 na UFPA, campus de Bragança, Pará, Brasil. Foi uma experiência que pude compartilhar e fortalecer a minha voz no ambiente acadêmico.

Ao refletir sobre essas categorias construídas, percebo o quanto cada uma dessas etapas foi fundamental para me moldar como professor. Construir esta pesquisa e vivenciar o estágio docente foram experiências que transformaram a teoria dos livros em prática aplicadas na sala de aula. Foi no espaço escolar, na convivência com os alunos, que compreendi que ensinar não é apenas transmitir conteúdos prontos, mas sim escutar, respeitar a bagagem que cada estudante traz e buscar caminhos para uma educação que faça sentido para a vida deles.

É claro que essa imersão também me fez encarar de frente os muitos desafios da profissão, desde as dificuldades estruturais até a necessidade de romper com aulas tradicionais e desinteressantes. No entanto, são justamente esses desafios que me motivam. Eles me mostram que a formação de um educador nunca para e me dão a possibilidade de querer seguir construindo uma postura sensível, ética, inclusiva e comprometida com a transformação social através do ensino.

E o mais importante é que as reflexões nascidas no espaço escolar não terminam aqui, elas deixam sementes para brotar em possíveis estudos, uma vez que, a pesquisa gerou novos questionamentos que poderão ser problematizados no contexto da formação docente e do ensino e aprendizagem. Um dos caminhos inspiradores para pesquisas futuras é continuar, por exemplo, como diferentes percepções envolvendo a arte, o cinema e a sensibilidade podem transformar o ensino de Biologia na EJA? Como a construção coletiva da nuvem de palavras possibilita ao professor ouvir, mapear e valorizar as histórias de vida, os saberes populares e as grandes experiências que os jovens e adultos já trazem consigo? Outra questão importante a se investigar é entender como a temática justiça ambiental tem se tornado parte do currículo escolar nas nossas comunidades bragantinas? E como os professores de Ciências da nossa região estão integrando esses temas sociais e ecológicos em suas aulas, seguindo o que propõe a BNCC?

Portanto, compreender a realidade da EJA também nos permite encarar de frente a evasão escolar, um desafio que atinge, significativamente, as ações e atitudes docentes no contexto educacional. Por fim, este trabalho deixa um convite para pensarmos na própria formação de quem escolhe ser professor, pois o estágio na EJA nos ajuda a se humanizar e nos ensina a exercitar a escuta ativa e refletir em nossas futuras práticas docentes.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	12
2. OBJETIVOS	13
2.1. Objetivo Geral	13
2.2. Objetivos específicos.....	13
3. JUSTIFICATIVA	13
4. METODOLOGIA.....	15
5. RESULTADOS E DISCUSSÃO	17
5.1. Percepção sobre a aula temática de Educação Ambiental e Climática	17
5.2. Percepção sobre a aula temática de Justiça Climática.....	19
5.3. Percepção sobre a aula temática Impactos do Racismo Ambiental.....	22
5.4 Percepção sobre a aula temática Racismo Ambiental.....	24
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	26
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	28
APÊNDICES	31
APÊNDICE A - Artigo denominado Percepções do Estágio Supervisionado na Educação de Jovens e Adultos: Experiências Formativas e Desafios Pedagógicos.	31
APÊNDICE B - Resumo expandido denominado Estágio Supervisionado na Educação de Jovens e Adultos: Práticas Pedagógicas e Reflexões Críticas.....	32
ANEXOS	33
ANEXO A - Certificado de apresentação no I SEPECBIO.....	33
ANEXO B – Certificado de participação no I SEPECBIO	34

1. INTRODUÇÃO

O estágio supervisionado na Educação de Jovens e Adultos (EJA) representa uma etapa essencial na formação docente, pois proporciona ao futuro educador a vivência prática de um contexto educacional marcado por particularidades. Compreender as percepções que se manifestam dessa experiência é fundamental para refletir sobre os desafios, potencialidades e transformações que envolvem o processo de ensino-aprendizagem com esse público. A EJA, por atender sujeitos com trajetórias escolares interrompidas e histórias de vida diversas, exige sensibilidade, escuta ativa e práticas pedagógicas contextualizadas (Neves et al., 2019).

O artigo 205 da Constituição Federal de 1988 estabelece que “A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, [...]” (Brasil, 1998, p.123). Diante disso, é dever de todos os cidadãos fomentar a educação na sociedade, contribuindo para o desenvolvimento cognitivo e crítico dos alunos (BRASIL, 1996).

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) é uma modalidade que atende jovens, adultos e idosos que, por diferentes razões sociais, econômicas, culturais ou pessoais não tiveram acesso ou permanência na educação básica em idade regular, conforme a legislação vigente (BRASIL, 1996). Esses sujeitos carregam consigo histórias marcadas por luta, trabalho precoce, exclusão e, muitas vezes, frustrações com o sistema educacional, pois “esse público com diferentes idades, origens, histórias, realidades e expectativas, que frequentam as salas de aula da EJA, trazem a necessidade de refletir um pouco sobre os motivos que os fizeram retornar ao ambiente escolar” (Lima; Pires; Souza, 2020, p. 3). No entanto, também trazem uma bagagem rica de experiências de vida, saberes populares e uma vontade genuína de aprender e é papel do professor mediar estes conhecimentos. Como retrata (Silva, 2024, p. 29):

Educar é muito mais que aglutinar alunos em sala de aula e transmitir assuntos prontos, é papel do professor, particularmente do professor da EJA inclusiva, ouvir, dialogar, compreender, interagir melhor com os educandos e sua realidade cotidiana. Contribui para o crescimento pessoal e profissional, os professores atuarão como mediadores auxiliando de maneira efetiva o processo de reingresso dos alunos.

Neste presente trabalho serão discutidos os desafios do licenciando para adaptar suas práticas pedagógicas, repensar estratégias de ensino e desenvolver uma escuta sensível às necessidades dos educandos. As percepções que emergem desse processo como o impacto da evasão escolar, a importância do acolhimento, a diversidade de ritmos e estilos de aprendizagem

são fundamentais para a construção de uma identidade docente comprometida com a inclusão e a justiça social (Costa, 2023).

2. OBJETIVOS

2.1. Objetivo Geral

- Investigar diferentes percepções construídas durante o estágio supervisionado na Educação de Jovens e Adultos (EJA), destacando os desafios, estratégias pedagógicas e contribuições para a formação docente crítica e inclusiva.

2.2. Objetivos específicos

- Examinar os registros produzidos durante o estágio supervisionado na EJA, como memoriais, diários de campo e experiências de regência para identificar percepções sobre os desafios enfrentados e as estratégias pedagógicas utilizadas.
- Refletir sobre as contribuições dessas práticas para a formação docente destacando como elas favorecem uma postura crítica, inclusiva e comprometida com a realidade dos estudantes da Educação de Jovens e Adultos.

3. JUSTIFICATIVA

A Educação de Jovens e Adultos EJA representa um instrumento essencial para a promoção da equidade educacional e da justiça social no Brasil. Criada para atender indivíduos que não tiveram acesso ou continuidade de estudos na idade apropriada, de acordo com Silva *et al.* (2019, p. 2).

A Educação de Jovens e adultos – EJA - é a modalidade de ensino contemplada na LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira nº 9.394/96 - que tipifica e regulamenta esta modalidade, cujo público que atende é composto de jovens e adultos em idade-série escolar distorcidas, em detrimento de vários fatores sociais que interferem no ingresso do processo de escolarização na idade certa. Elencam-se alguns fatores que contribuem para que estas pessoas não terminem a escola básica no tempo determinado pela legislação. São eles: dificuldades familiares, econômicas e culturais, principalmente com as relações de trabalho; a maioria são pessoas de baixa renda e necessita trabalhar para sustentar suas famílias, deixando a escolarização em segundo plano.

Nessa perspectiva, a EJA se consolida como uma modalidade que visa não apenas ensinar, mas busca a formação integral de sujeitos críticos, autônomos e participativos. Como

destaca Reichardt e Silva (2020, p. 62), “a modalidade passou a possuir as funções reparadora, equalizadora e qualificadora”, evidenciando seu papel transformador na vida dos educandos.

A importância da EJA transcende a simples escolarização. Ela está diretamente ligada à emancipação dos sujeitos e à sua inserção ativa na sociedade. Freire (1989, p. 19), uma das referências teóricas centrais na discussão sobre a EJA, afirma que “a alfabetização como ato de conhecimento, como ato criador e como ato político é um esforço de leitura do mundo e da palavra”. Essa perspectiva reforça a necessidade de uma educação que dialogue com a realidade dos alunos, valorize a construção de conhecimentos e promova a leitura crítica do mundo.

Entretanto, apesar dos avanços legais e metodológicos, a EJA enfrenta um desafio persistente: a evasão escolar. Como apontam (Silva *et al.* 2019, p. 2), “dois fatores contribuem para a evasão de jovens e adultos nas escolas brasileiras: os socioculturais, agregados às relações familiares e econômicas e o método de ensino aplicado nas salas de aula que não condiz com o perfil de estudantes dessa modalidade”. A desconexão entre a prática pedagógica e a vivência dos alunos é um dos principais entraves à permanência escolar.

Para enfrentar esse problema, é necessário que os métodos e estratégias de ensino sejam adaptados às especificidades do público da EJA. Isso inclui flexibilidade de horários, valorização das experiências de vida dos alunos e uso de recursos tecnológicos que aproximem o conteúdo da realidade dos educandos. Como reforça Reichardt e Silva (2020, p. 65), “o professor alfabetizador deve utilizar além dos métodos tradicionais pedagógicos, atividades criativas para tornar o ambiente escolar aconchegante, compreensivo e significativo para os alunos”.

Além disso, políticas públicas eficazes devem ser implementadas para garantir não apenas o acesso, mas a permanência dos estudantes na escola. A Constituição Federal de 1988 e a LDB 9.394/96 já asseguram esse direito, mas é preciso que estados e municípios assumam a responsabilidade de estruturar currículos e práticas pedagógicas que atendam às reais necessidades dos jovens e adultos.

Dessa forma, este artigo se justifica pela possibilidade de refletir sobre a importância da EJA no processo de transformação social e na necessidade de propor caminhos eficientes para

reduzir a evasão escolar, garantindo que os cidadãos tenham acesso a uma educação de qualidade, inclusiva e emancipadora.

4. METODOLOGIA

Este artigo adota uma abordagem qualitativa, de natureza descritiva e reflexiva, com base na experiência de estágio supervisionado realizado no âmbito da Educação de Jovens e Adultos - EJA. Segundo Soares e Fonseca (2019) a pesquisa qualitativa se caracteriza pelo desenvolvimento conceitual, de fatos, ideias ou opiniões, e do entendimento indutivo ou interpretativo a partir dos dados encontrados e articulados com a questão de pesquisa.

O estágio foi desenvolvido em uma escola pública estadual, localizada na rede de ensino da cidade de Bragança no estado do Pará, ele foi realizado em uma turma composta por 20 alunos matriculados e ocorreu no período de 16 de outubro a 05 de dezembro. A unidade escolar contava com uma única turma de EJA no turno da noite e a turma em estudo era uma turma de EJA Ensino Médio, com funcionamento das 19h às 22h, atendendo estudantes com perfis diversos, muitos dos quais conciliam os estudos com atividades laborais junto com pais e mães de família.

O estágio teve como foco a observação, participação e intervenção pedagógica, com ênfase na construção de práticas educativas críticas e contextualizadas. Durante o período de estágio, o professor regente da turma propôs como temática central de trabalho o racismo ambiental, como cita Herculano (2008, p. 16) “o conceito diz respeito às injustiças sociais e ambientais que recaem de forma desproporcional sobre etnias vulnerabilizadas”. Esse assunto que norteou as atividades pedagógicas e os debates em sala de aula, permitiu a articulação entre os conteúdos curriculares e as vivências dos estudantes, promovendo reflexões sobre desigualdades socioambientais, direitos humanos e justiça social.

Foi utilizado também um vídeo¹ como estratégia para favorecer a aprendizagem e aproximar o conteúdo escolar da realidade dos estudantes. O recurso audiovisual desperta interesse, facilita a compreensão de temas complexos e promove debates que estimulam a reflexão crítica, assim uso de vídeo e filme “como recurso didático pode contribuir

¹ TRIBUNAL SUPERIOR DO TRABALHO. Racismo ambiental | Jornada. YouTube, 11 dez. 2024. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NOi3ojxkycg>. Acesso: junho de 2026.

positivamente no processo de construção do conhecimento histórico, pois, com sua ludicidade, favorece a compreensão das representações da realidade social em diferentes contextos.” (Bringel, 2016, p. 19).

A coleta de dados para esta reflexão foi conduzida por meio de estratégias metodológicas, visando captar de forma sensível e ética as dinâmicas vivenciadas no contexto escolar. Dessa forma, foram realizadas observações das aulas e das interações em sala, permitindo acompanhar os processos pedagógicos e as relações estabelecidas entre os sujeitos. Além disso, foram feitas anotações em diário de campo, nas quais foram registradas percepções, desafios enfrentados e aprendizagens construídas ao longo do percurso. Complementarmente, ocorreram conversas informais com os estudantes e com o professor regente, pautadas pelos princípios éticos da pesquisa educacional, garantindo o respeito à escuta, à confidencialidade e à valorização das experiências compartilhadas.

A análise dos dados seguiu uma perspectiva interpretativa, buscando compreender as dinâmicas do processo educativo na EJA e os impactos da abordagem do racismo ambiental na formação crítica dos estudantes, no qual foi a temática central deste semestre. A metodologia adotada visa, portanto, valorizar a experiência vivida no estágio como espaço de formação docente e de construção de saberes pedagógicos comprometidos com a transformação social.

Dentre os encontros que ocorreram no espaço escolar, foram enfatizados a seguir quatro temáticas trabalhadas de forma interdisciplinar no contexto das aulas de Biologia e Educação Ambiental (tabela 1).

Tabela 1: Registro de participação nas aulas temáticas.

Dia (encontro)	Quantidade de alunos que participaram da aula	Porcentagem de infrequência	Tema da aula
16/10/25	8 alunos.	60%	Educação ambiental e climática.
23/10/25	10 alunos.	50%	Justiça climática.
06/11/25	6 alunos.	70%	Impactos do racismo ambiental.
13/11/25	8 alunos.	60%	Racismo ambiental.

Fonte: autoral

5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante o estágio docente, diversas percepções foram construídas a partir das experiências vivenciadas em sala de aula e das reflexões realizadas ao longo do processo formativo. Para tornar mais clara a compreensão dessas aprendizagens nas aulas temáticas, optei por organizá-las em quatro categorias principais, que serão apresentadas e discutidas de forma sistemática. Essa divisão busca não apenas facilitar a análise, mas também evidenciar os aspectos mais relevantes que emergiram nas observações e experiências da prática pedagógica.

Cada categoria reflete dimensões distintas do estágio, abrangendo desde o planejamento das aulas até a interação com os estudantes e a avaliação dos resultados obtidos. Além disso, essa estruturação permite identificar os desafios enfrentados e as estratégias utilizadas para superá-los, destacando o papel do estágio como espaço de experimentação e crescimento profissional. Essa organização em categorias também contribui para a construção de uma narrativa mais coesa, ressaltando a importância do estágio como espaço de experimentação, de articulação entre teoria e prática, reflexão e crescimento profissional (Schön, 2000).

5.1. Percepção sobre a aula temática de Educação Ambiental e Climática

No dia 16 de outubro de 2025, foi realizada a apresentação dos estagiários e em seguida iniciei observação, na qual o docente abordou a temática da educação ambiental e climática, enfatizando o conceito de racismo ambiental. Essa perspectiva é relevante, pois como aponta Silva (2012), o racismo ambiental acontece quando grupos étnicos e socialmente vulneráveis são afetados por problemas ambientais, revelando a desigualdade social e degradação ecológica.

A prática pedagógica observada foi conduzida de forma transversal e interdisciplinar, articulando conteúdos de Biologia e Educação Ambiental em consonância com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Essa integração reflete a proposta de Loureiro (2004), que defende uma educação ambiental crítica, capaz de relacionar ciência, sociedade e cidadania. Ao trazer o racismo ambiental para o centro da discussão, o professor promoveu uma reflexão que vai além da dimensão ecológica, alcançando aspectos éticos e sociais, em sintonia com a perspectiva de Guimarães (2007), que entende a educação ambiental como prática política e transformadora.

Outro ponto relevante o docente incentivou os alunos a refletirem sobre os fatores que contribuem para o abandono escolar, valorizando suas experiências pessoais. Essa prática dialoga com Arroyo (2011), que destaca a importância de reconhecer as trajetórias de vida dos sujeitos da EJA, compreendendo que a evasão escolar não pode ser analisada apenas como um dado estatístico, mas como resultado de múltiplas condições sociais, econômicas e culturais.

Durante a aula, observei a presença de oito estudantes. Alguns participaram de forma ativa, interagindo com o professor e compartilhando suas percepções, enquanto outros demonstraram retraimento diante da presença de observadores externos. Essa heterogeneidade é característica da EJA, conforme aponta Amorim (2021), ao analisar como os sujeitos dessa modalidade possuem biografias não lineares em relação à escola, o que muitas vezes influencia sua participação e engajamento.

O recurso didático utilizado foi a escrita no quadro, que serviu como instrumento de sistematização das ideias e conceitos trabalhados. Além disso, o professor promoveu uma reflexão coletiva sobre as consequências das mudanças climáticas no cotidiano dos estudantes, destacando como esses fenômenos já se manifestam de maneira concreta na vida social. Essa estratégia ajuda a aproximar os conteúdos ambientais das experiências cotidianas dos estudantes, tornando o aprendizado significativo, contextualizado e favorecendo por meio de diálogos a criticidade, uma vez que, promover uma educação ambiental crítica para os estudantes pode “contribuir para uma mudança de valores e atitudes, formando um sujeito ecológico capaz de identificar e problematizar as questões socioambientais e agir sobre elas” (Carvalho, 2025, p. 123).

Em síntese, a aula observada revelou uma prática pedagógica comprometida com a articulação entre ciência e sociedade, promovendo uma educação crítica e contextualizada. O enfoque no racismo ambiental e na evasão escolar evidencia a preocupação do docente em trabalhar temas de relevância social e acadêmica, contribuindo para a formação integral dos estudantes da EJA e para o fortalecimento de sua consciência cidadã.

A experiência de observação e atuação nesse espaço educativo me possibilitou, como futuro docente, compreender as especificidades da modalidade, reconhecendo os desafios enfrentados pelos estudantes e a necessidade de práticas que dialoguem com suas trajetórias de vida. Como destaca Freire (1996), a educação deve partir da realidade concreta dos sujeitos,

valorizando seus saberes e experiências. Assim, o estágio na EJA não apenas amplia a formação acadêmica dos estagiários, mas também os prepara para uma prática pedagógica crítica, inclusiva e transformadora, capaz de responder às demandas sociais e culturais que permeiam o processo educativo.

5.2. Percepção sobre a aula temática de Justiça Climática

No dia 23 de outubro de 2025, realizei a observação de uma aula cujo tema central foi a educação ambiental e climática. A prática pedagógica desenvolvida pelo professor buscou promover a reflexão crítica dos estudantes a partir da utilização de recursos visuais, especificamente a imagem intitulada “*Floresta em chamas*”, produzida pela artista paraense Letícia Nunes, localizada no bairro da Cidade Velha, em Belém, como demonstrado na figura 1.

Figura 1 – Floresta em chama “Crise climática também é uma crise de saúde”.



Fonte: G1 PARÁ (2024).

A escolha desse recurso didático se revelou significativa, pois a arte, ao retratar a devastação ambiental, possibilitou aos alunos não apenas observar, mas também analisar os problemas socioambientais representados, estimulando a sensibilização acerca das questões climáticas e da degradação da natureza.

O uso da imagem como recurso didático e pedagógico possui relevância significativa no processo de ensino-aprendizagem, pois amplia as possibilidades de compreensão, interpretação e reflexão crítica dos estudantes. Visto que, Pinheiro (2020) destaca que o uso de imagens em movimento em sala de aula amplia as possibilidades de compreensão e reflexão crítica dos estudantes, tornando o processo de ensino-aprendizagem mais dinâmico e

motivador. A imagem, enquanto linguagem visual, atua como mediadora entre o conhecimento e o sujeito, favorecendo a construção de sentidos e estimulando a capacidade de análise e síntese.

Como aborda (Rosa e Rocha, 2024, p.202)

“Defender o potencial das imagens nesse processo não significa, entretanto, reduzi-las a reforço e suporte para outras linguagens [...]. Ao contrário, passa por reconhecer a imagem como uma linguagem própria, e que, como linguagem, permite interlocuções entre as narrativas que carregam e os conteúdos e conceitos que pretendem construir”.

Do ponto de vista pedagógico, a utilização de imagens contribui para a contextualização dos conteúdos, tornando-os mais próximos da realidade dos alunos. Segundo Moran (2000), os recursos visuais ampliam a percepção e facilitam a aprendizagem, uma vez que permitem ao estudante relacionar conceitos abstratos com situações concretas. Além disso, a imagem desperta emoções e sensibilidades, o que favorece o engajamento e a motivação em sala de aula.

Durante a atividade, esteve presente um grupo de 10 alunos, todos engajados na dinâmica proposta. O professor solicitou que os estudantes refletissem sobre os elementos da imagem e, em seguida, colaborassem na construção de uma nuvem de palavras, as palavras que emergiram foram termos como “desigualdade”, “território”, “sobrevivência”, “sustentabilidade” e “políticas públicas”, revelando que os alunos compreendem o racismo ambiental como uma barreira à cidadania plena. Assim, a permanência desses estudantes na escola também depende de uma formação que valide esses saberes e fomenta uma postura crítica diante das injustiças ambientais (Arroyo, 2017). A nuvem de palavras foi gerada no site Voyant Tools (Sinclair; Rockwell, 2016), tal experiência dialoga diretamente com a Competência Geral nº 5 da BNCC, que prevê o desenvolvimento da capacidade de compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (BRASIL, 2017). Ao utilizar o Voyant Tools para a construção da nuvem de palavras, os estudantes não apenas se apropriaram de uma ferramenta digital, mas também a empregaram para refletir criticamente sobre desigualdades socioambientais, fortalecendo sua consciência cidadã, no qual, evidencia os termos mais recorrentes, permitindo identificar os conceitos centrais da pesquisa, conforme ilustrado na figura 2 a seguir.

Figura 2 - Expressão dos estudantes sobre racismo ambiental.



Fonte: Autoral.

Essa estratégia, ao valorizar a participação coletiva, favoreceu o diálogo e a interação entre os sujeitos da aprendizagem. A prática demonstrou que estratégias inovadoras, como o uso de recursos artísticos e tecnológicos, podem ampliar o envolvimento dos estudantes, tornando o processo educativo mais significativo e contextualizado. Nesse sentido, o uso de ferramentas digitais, como sites que permitem mapear o vocabulário dos estudantes, contribui diretamente para o desenvolvimento do eixo do pensamento computacional, conforme a resolução que define as Normas sobre Computação na Educação Básica (CNE, 2022). Essa abordagem está em consonância com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2018), que enfatiza a integração de recursos tecnológicos e metodologias criativas para promover aprendizagens contextualizadas e significativas, ampliando a autonomia e a participação ativa dos estudantes no processo educativo.

Sobre a abordagem da justiça climática e do racismo ambiental despertou reflexões críticas sobre desigualdade socioambiental e responsabilidade coletiva, essa transformação foi evidenciada nas atividades realizadas com a turma, onde o tema emergem como eixos centrais, e seguindo a análise coletiva demonstrou que a crise climática não afeta a todos de forma igual, pois incide sobre populações historicamente vulnerabilizadas. Ademais, os principais resultados observados foram: o engajamento dos alunos, desenvolvimento do senso crítico, inclusão pedagógica e valorização das histórias de vida.

Nesse sentido, a atividade pedagógica dialoga com os pressupostos freireanos, que defendem a importância da comunicação horizontal entre professor e aluno, entendendo o ato educativo como prática de liberdade. Para Freire (1996), o diálogo é elemento essencial na construção do conhecimento, pois permite que os sujeitos se reconheçam como participantes ativos do processo de ensino-aprendizagem. Assim, ao propor a elaboração da nuvem de palavras, o professor não apenas incentivou a expressão dos estudantes, mas também promoveu um espaço de escuta e de construção coletiva, em consonância com a perspectiva da educação crítica e emancipatória.

A experiência observada evidencia que práticas pedagógicas que integram arte, tecnologia e reflexão crítica sobre temas ambientais contribuem para a formação de cidadãos conscientes e comprometidos com a sustentabilidade. Além disso, reforça a necessidade de que a escola se constitua como espaço de diálogo, participação e problematização da realidade, conforme defendido por Freire (1996), possibilitando que os alunos desenvolvam não apenas competências cognitivas, mas também valores éticos e sociais voltados para a transformação da sociedade.

A possibilidade de trabalhar com imagens também se alinha às metodologias ativas, que buscam colocar o aluno como protagonista do processo educativo. Ao analisar uma imagem, o estudante é instigado a observar, interpretar e dialogar, desenvolvendo competências críticas e reflexivas. Nesse sentido, Freire (1996) destaca que o diálogo é fundamental para a construção do conhecimento, e a imagem pode ser um ponto de partida para esse diálogo, ao provocar questionamentos e reflexões sobre a realidade social, cultural e ambiental.

Assim, ao relacionar a prática pedagógica observada com os objetivos da EJA, percebi que o uso de metodologias que estimulam o diálogo e a reflexão crítica, apoiadas em recursos visuais e artísticos, fortalecem o papel da educação como prática de liberdade e como instrumento de transformação social, criando assim possibilidades de ensino e aprendizagem aos estudantes.

5.3. Percepção sobre a aula temática Impactos do Racismo Ambiental

No dia 06 de novembro de 2025, a temática central da aula foi a visualização fotográfica como recurso pedagógico para a reflexão crítica acerca da justiça climática. Nesse encontro,

foram apresentadas imagens de casas situadas em áreas de vulnerabilidade social, diretamente afetadas pelo fenômeno do racismo ambiental. A proposta pedagógica consistiu em estimular os estudantes a reconhecerem a importância do enfrentamento às mudanças climáticas e, ao mesmo tempo, desenvolverem uma análise crítica das fotografias, relacionando-as com os impactos socioambientais que atingem, de forma desigual, determinados grupos sociais. Essa prática dialoga com as orientações presentes no Documento Curricular do Estado do Pará, que enfatizam a necessidade de um ensino de Ciências contextualizado e comprometido com a sustentabilidade de base territorial e com a diversidade social-biológica-cultural (PARÁ, 2021). Nesse sentido, o ensino de Biologia na Amazônia deve promover a valorização dos saberes locais e estimular a consciência socioambiental, articulando ciência e justiça climática como elementos fundamentais para a formação cidadã (PARÁ, 2021).

O professor organizou a turma em duplas, permitindo que cada estudante escolhesse uma imagem que lhe causasse maior impacto. Essa dinâmica favoreceu não apenas a leitura crítica das representações visuais, mas também a construção de um espaço de diálogo sobre como o racismo ambiental se manifesta no cotidiano dos próprios alunos. Tal abordagem está em consonância com essa perspectiva de “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção.” (Freire, 1996, p. 21).

A presença de apenas seis alunos nesse dia suscita reflexões relevantes sobre a Educação de Jovens e Adultos (EJA). A baixa frequência evidencia a necessidade de maior atenção das autoridades e da gestão escolar para garantir condições adequadas de permanência e participação dos estudantes. Como apontam Arroyo (2011) e Gadotti (2009), a EJA não deve ser compreendida apenas como uma modalidade compensatória, mas como um direito fundamental que exige políticas públicas consistentes e práticas pedagógicas contextualizadas, voltadas para sujeitos historicamente marginalizados.

A evasão escolar na EJA constitui um dos maiores desafios para a efetivação do direito à educação, pois reflete não apenas dificuldades individuais, mas sobretudo barreiras estruturais que atravessam a vida dos sujeitos jovens e adultos. A ausência de políticas de acolhimento e de estratégias pedagógicas que considerem as especificidades desses estudantes contribui para a descontinuidade de suas trajetórias escolares. Nesse sentido, o acolhimento deve ser compreendido como prática pedagógica e institucional que fortalece vínculos, valoriza

experiências de vida e cria condições para a permanência, conforme defende Haddad (2007). Ao promover um ambiente inclusivo e respeitoso, a escola pode reduzir os impactos da evasão, garantindo que os estudantes não apenas ingressam, mas também concluem sua formação, reafirmando a EJA como espaço de emancipação e de construção de cidadania.

A análise das fotografias, nesse contexto, possibilitou dialogar sobre os impactos das mudanças climáticas e discutir que essas mudanças não acontecem de forma homogênea, mas recaem com maior intensidade sobre populações periféricas e racializadas. Esse fenômeno, denominado racismo ambiental, é discutido por Bullard (2005), que demonstra como comunidades negras e pobres são desproporcionalmente afetadas por riscos ambientais, seja pela proximidade de áreas poluídas, seja pela precariedade das infraestruturas urbanas. Ao trazer esse debate para a sala de aula, o professor promoveu uma articulação entre teoria e prática, permitindo que os estudantes relacionassem as imagens com suas próprias vivências e territórios.

Portanto, a aula de 06 de novembro de 2025 não se limitou a uma atividade de leitura fotográfica, mas configurou-se como um exercício de formação cidadã, em que os alunos foram convidados a refletir sobre a interseção entre desigualdade social, racismo e crise climática. Com base na experiência do estágio e dos autores apresentados neste estudo, reforça o meu entendimento de que na EJA é possível criar espaços de construção de saberes críticos e emancipatórios, contribuindo para a transformação social e para o enfrentamento das injustiças ambientais.

5.4 Percepção sobre a aula temática Racismo Ambiental

No dia 13 de novembro realizei a regência com a temática racismo ambiental, cuja proposta metodológica foi planejada e depois realizada no espaço escolar tendo o objetivo de romper com o tradicionalismo pedagógico e a mera fixação de conteúdo. Para tanto, foi exibido um vídeo que abordava o racismo em suas múltiplas dimensões, possibilitando reflexões críticas durante a aula. Nesse contexto, o uso de vídeos e filmes no processo de ensinar e aprender é considerada uma estratégia lúdica e ajuda a criar um ritmo próprio possibilitando estimular o domínio afetivo dos estudantes (Leal; Miranda; Nova, 2019).

A escolha do recurso audiovisual envolveu a perspectiva de Freire (1996), que defende a necessidade de práticas educativas dialógicas e problematizadoras, capazes de mobilizar os sujeitos para a leitura crítica da realidade. Após a exibição, ocorreu um diálogo com a turma, momento em que emergiram questões relacionadas não apenas ao racismo ambiental, mas também às trajetórias escolares dos estudantes da Educação de Jovens e Adultos (EJA), como mostra a figura 3.

Figura 3– Dialogando com os alunos



Fonte: autoral.

Durante o debate, foi possível identificar fatores que levam os alunos a ingressarem na EJA, entre eles: condições socioeconômicas desfavoráveis, gravidez na adolescência, necessidade de inserção precoce no mercado de trabalho e outras situações que culminam no abandono do ensino regular. Tais elementos dialogam com as análises de Arroyo (2011), que destaca como as desigualdades sociais e estruturais incidem diretamente sobre os percursos escolares, produzindo exclusões e descontinuidades. Nesse sentido, a EJA se configura como espaço de resistência e de reconstrução de trajetórias, reafirmando o direito à educação como processo permanente.

Na ocasião, registrou-se a presença de oito estudantes. Embora a participação oral tenha sido restrita a poucos, observei a receptividade positiva em relação ao vídeo, o que evidencia o potencial da metodologia empregada para despertar interesse e sensibilização. Conforme

Gadotti (2011), metodologias que se afastam da mera transmissão de conteúdos e se aproximam da realidade vivida pelos educandos tendem a favorecer maior engajamento e sentido no processo de aprendizagem. Assim, ainda que a interação tenha sido limitada, o recurso audiovisual mostrou-se eficaz para provocar reflexão e ampliar horizontes críticos.

A experiência no estágio, evidenciou que o trabalho com temáticas sociais, como o racismo ambiental, possibilitou não apenas a compreensão de questões ambientais e raciais, mas também a articulação com os desafios enfrentados pelos sujeitos da EJA. Essa prática pedagógica permitiu reconhecer o estudante como protagonista de sua formação, em consonância com a pedagogia crítica freireana, que valoriza a escuta, o diálogo e a problematização da realidade concreta. Portanto, a regência realizada demonstrou a importância de metodologias inovadoras e contextualizadas, capazes de contribuir para a formação cidadã e crítica dos educandos.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estágio supervisionado na Educação de Jovens e Adultos (EJA) um espaço privilegiado de formação docente, capaz de proporcionar experiências significativas e reflexões sobre os desafios e potencialidades dessa modalidade de ensino. Ao longo das observações e intervenções realizadas, foi possível compreender que a prática pedagógica na EJA exige sensibilidade, escuta ativa e estratégias contextualizadas, que dialoguem diretamente com as trajetórias de vida dos educandos.

Compreender as percepções construídas durante o estágio supervisionado na EJA, destacando os desafios, estratégias pedagógicas e contribuições para a formação crítica e inclusiva do futuro docente, foi possibilitado de forma significativa por meio das experiências vivenciadas. As interpretações demonstraram que o contato com os estudantes possibilita ao licenciando desenvolver uma visão mais humana e crítica da educação, reconhecendo a diversidade de aprendizagem e histórias de vida que compõem esse público.

Os principais pontos evidenciados foram a relevância de práticas pedagógicas que valorizem os saberes populares e as experiências dos alunos, bem como a necessidade de metodologias inovadoras, como o uso de imagens, vídeos, filmes e debates, que favoreçam o diálogo e a reflexão crítica. Além disso, é fundamental pensarmos nas possibilidades de

enfrentamento da evasão escolar, seja por meio de políticas públicas eficazes, seja por práticas de acolhimento que fortaleçam vínculos e promovam a permanência dos estudantes na escola. Nesse contexto, a Educação de Jovens e Adultos (EJA) assume papel fundamental como instrumento de justiça social, reparação histórica e emancipação dos sujeitos.

Assim, o estágio supervisionado não apenas contribuiu para a formação acadêmica, mas também para a construção de uma identidade docente comprometida com a inclusão, a equidade e a transformação social. A experiência reafirma que a EJA deve ser compreendida como um espaço de resistência e de reconstrução de trajetórias, onde o professor atua como mediador de saberes e agente de emancipação.

Em síntese, este trabalho evidencia que a formação docente crítica e inclusiva pode ocorrer quando o futuro educador vivencia práticas que reconhecem e valorizam a diversidade dos sujeitos da EJA, transformando o ato educativo em um processo de libertação e cidadania.

As experiências formativas evidenciadas neste trabalho mostram que se formar professor vai muito além de acumular teorias. E o estágio supervisionado na Educação de Jovens e Adultos (EJA), possibilitou lidar com a realidade dos estudantes e refletir nos desafios pedagógicos ao perceber que é no dia a dia da escola que também é possível construir uma educação mais sensível, que favoreça a transformação e justiça social.

Com base nessas experiências, interpretações e reflexões presentes neste trabalho, outros questionamentos emergiram e que poderão ser respondidos em pesquisas futuras que são: como diferentes percepções envolvendo a arte, o cinema e a sensibilidade podem transformar o ensino de Biologia na EJA? Como a construção coletiva da nuvem de palavras, possibilita ao professor ouvir, mapear e valorizar as histórias de vida, os saberes populares e as grandes experiências que os jovens e adultos já trazem consigo? Como a temática justiça ambiental tem se tornado parte do currículo escolar nas nossas comunidades bragantinas? E como os professores de Ciências da nossa região estão integrando esses temas sociais e ecológicos em suas aulas, seguindo o que propõe a BNCC? Tais questionamentos abrem espaços para novas investigações e reflexões sobre a própria prática docente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMORIM, Elisangela Maria de. **Educação e Racismo Ambiental: as percepções dos sujeitos da EJA da Escola Estadual do Campo São José**. Dissertação (Mestrado em Ensino) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso, 2021.

ARROYO, Miguel G. **Passageiros da noite: do trabalho para a EJA – itinerários pelo direito a uma vida justa**. Petrópolis: Vozes, 2017.

ARROYO, Miguel G. **Políticas educacionais, igualdade e diferenças**. Revista Brasileira de Política e Administração da Educação, v. 27, n. 1, p. 41-60, 2011. DOI: <https://doi.org/10.21573/vol27n12011.19969>.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC): Educação Básica**. Brasília: MEC/ Resolução CNE/CEB nº 1, 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/cne/pdf/base-nacional-comum-curricular-bncc/resolucao-cne-ceb-no-1-de-4-de-outubro-de-2022>. Acesso em: 14 jul. 2026.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil: promulgada em 5 de outubro de 1988**. 4. ed. São Paulo: Saraiva, 1990.

BRASIL. [Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (1996)]. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF: Presidência da República, 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 16 jun. 2026.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. **Tecnologias digitais da informação e comunicação no contexto escolar: Possibilidades**. Caderno de Práticas: Aprofundamentos, 2018. Disponível em: https://basenacionalcomum.mec.gov.br/implementacao/praticas/caderno-de-praticas/aprofundamentos/193-tecnologias-digitais-da-informacao-e-comunicacao-no-contexto-escolar-possibilidades?utm_source=chatgpt.com. Acesso: Acesso em: 14 jul. 2026.

BRINGEL, Eliane Leite Barbosa. **Uso do filme no ensino e aprendizagem de História na Educação de Jovens e Adultos-EJA em Araguaína-TO**. 2016.

BULLARD, Robert D. **The Quest for Environmental Justice: Human Rights and the Politics of Pollution**. San Francisco: Sierra Club Books, 2005.

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. **Educação ambiental: a formação do sujeito ecológico**. 7 ed. São Paulo: Cortez, 2025. E-book. p.120.

COSTA, Bruno Trindade de Mendonça. **Combatendo a evasão escolar: estratégias para manter os alunos na escola**. **Revista Mais Educação**, v. 6, n. 10, dez. 2023. DOI: 10.51778/2595-9611.

CRISE climática revela Amazônia distópica em mural de Belém. **G1**, [S. l.], 2026. Disponível em: <https://share.google/RsOEEx6meOzwpZWpf>. Acesso em: 26 jun. 2026.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 23ª ed. São Paulo: Cortez, 1989.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GADOTTI, Moacir. **Educação de jovens e adultos: teoria, prática e proposta**. São Paulo: Cortez, 2009

GADOTTI, Moacir; ROMÃO, José E. **Educação de jovens e adultos: teoria, prática e proposta**. Educação de jovens e adultos: teoria, prática e proposta, 2011

GUIMARÃES, Mauro. **Educação ambiental: no consenso um embate?**. Papirus Editora, 2007.

HADDAD, Sérgio. Educação de jovens e adultos: políticas e práticas. São Paulo: Autores Associados, 2007

HERCULANO, Selene. O clamor por justiça ambiental e contra o racismo ambiental. **Revista de gestão integrada em saúde do trabalho e meio ambiente**, v. 3, n. 1, p. 1-20, 2008.

LEAL, E. A. MIRANDA, G. J. NOVA, S. P. de C. C. (Orgs). **Revolucionando a sala de aula: como envolver o estudante aplicando as técnicas de metodologias ativas de aprendizagem**. São Paulo: Atlas, 2019.

LIMA, Walkíria dos Reis; PIRES, Luciene Lima de Assis; SOUZA, Paulo Henrique de. **A educação de jovens e adultos, o educando e o contexto da pandemia**. Itinerarius Reflectionis, v. 16, n. 1, 2020.

LOUREIRO, Carlos Fredetico B. Trajetória e fundamentos da educação ambiental. In: **Trajetória e fundamentos da educação ambiental**. 2004. p. 150-150.

MORAN, José Manuel. Ensino e aprendizagem inovadores com tecnologias. **Informática na educação: teoria & prática**, v. 3, n. 1, 2000.

NEVES, Joana d'Arc de Vasconcelos; MACIEL, Rogério Andrade; SOUZA, Ana Paula Vieira; SANTOS, Raquel Amorim dos. Universidade e educação de jovens e adultos: territórios de vidas e culturas. **Nova Revista Amazônica, Bragança**, v. 7, n. 1, p. 195-213, abr. 2019.

PARÁ. **Diretrizes Curriculares Estaduais da Educação Básica: Ciências da Natureza e suas Tecnologias**. Secretaria de Estado de Educação – SEDUC/PA, 2021.

PINHEIRO, Miguel Filipe Mourato. **As imagens em movimento como recurso pedagógico nas aulas de História**. 2020. Relatório de Estágio (Mestrado em Ensino de História no 3º Ciclo do Ensino Básico e Ensino Secundário) – Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra, Coimbra, 2020.

REICHARDT, Mirian; SILVA, Caroline. A importância da Educação de Jovens e Adultos (EJA). **Caderno Intersaberes**, v. 9, n. 23, 2020.

ROSA, Letícia Gonçalves; ROCHA, Julia. Educação e mundo-imagem: práticas pedagógicas e formação para leitura crítica da linguagem visual. **Revista Inter-Ação**, Goiânia, v. 49, n. 1, p. 196–209, 2024. DOI: 10.5216/ia.v49i1.76586. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/interacao/article/view/76586>. Acesso em: 26 jun. 2026.

SCHÖN, Donald A. **Educando o profissional reflexivo: um novo design para o ensino e a aprendizagem**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

SILVA, Geniana de Macedo. **A educação de jovens e adultos (EJA) e educação inclusiva: sentidos, saberes e práticas de professores(as)**. 2024. 72 f. Monografia (Licenciatura em Pedagogia) – Universidade Federal Rural do Semi-Árido, Angicos/RN, 2024.

SILVA, Lays Helena Paes e. Ambiente e justiça: sobre a utilidade do conceito de racismo ambiental no contexto brasileiro. **E-cadernos**. CES, 17, 2012.

SILVA, Rita de Cássia Santos da; SOUSA, Evanilde Almeida Araújo; QUEIROZ, Joane Mary Araújo de; ONOFRE, Joelson Alves. As causas da evasão escolar na EJA: uma concepção histórica. **EJA em Debate**, v. 8, n. 13, p. 1-15, jan./jun. 2019.

SINCLAIR, Stéfan; ROCKWELL, Geoffrey. **Voyant Tools**. 2016. Disponível em: <https://voyant-tools.org/>. Acesso em: [19 Mai]. [2026].

SOARES, Simaria de Jesus. FONSECA, Valter Machado da. Pesquisa científica: uma abordagem sobre o método qualitativo. **Revista Ciranda**, v. 1, n. 3, p. 168-180, 2019.

APÊNDICES

APÊNDICE A - Artigo denominado **Percepções do Estágio Supervisionado na Educação de Jovens e Adultos: Experiências Formativas e Desafios Pedagógicos.**²



XIII CONGRESO LATINOAMERICANO DE ENSEÑANZA DE LA BIOLOGÍA Y LA EDUCACIÓN AMBIENTAL

Percepciones de las prácticas supervisadas en la educación de jóvenes y adultos: experiencias formativas y desafíos pedagógicos

Perceptions of Supervised Internship in Youth and Adult Education: Formative Experiences and Pedagogical Challenges

Percepções do Estágio Supervisionado na Educação de Jovens e Adultos: Experiências Formativas e Desafios Pedagógicos

Patrick Rosário Ribeiro¹,

Taiane Novaes do Carmo²

Priscilany Cavalcante dos Santos³,

Área temática: Innovación en la enseñanza de la Biología y la Educación Ambiental: enfoques didácticos y enseñanza de conceptos o modelos fundamentales.

Modalidade escrita: Experiências educacionais relacionadas à educação em Biologia e Educação Ambiental.

Nível educacional: graduação

RESUMEN. Este estudio investiga las percepciones construidas durante una pasantía supervisada en el programa de Educación Juvenil y de Adultos (EJA), realizada en una escuela pública de Bragança, Pará, Brasil. El objetivo de este artículo es analizar cómo la experiencia práctica en la pasantía permite al futuro docente confrontar estereotipos y desarrollar una visión humanizada del proceso educativo. La metodología es cualitativa y descriptiva, con observación participante, diario de campo e intervenciones pedagógicas enfocadas en el tema del racismo ambiental. Los resultados indican que el uso de metodologías activas y recursos visuales (fotografías y nubes de palabras) favorece la participación de estudiantes cuyas trayectorias escolares están marcadas

¹ patrick.ribeiro@braganca.ufpa.br, aluno de graduação em Ciências Biológicas UFPA.

² taiane.novaes@escola.seduc.pa.gov.br, Mestra e Doutoranda em Ciências Ambientais (UFPA/Belém-PA) e professora do Ensino Básico na Secretaria de Educação do Estado do Pará - SEDUC-PA.

³ priscilanyasantos@ufpa.br, Doutora em Educação em Ciências e Matemáticas. Professora da Faculdade de Ciências Naturais (IECOS-UFPA/Bragança-PA).

² Artigo submetido ao evento internacional denominado XIII CONGRESO LATINOAMERICANO DE ENSEÑANZA DE LA BIOLOGÍA Y LA EDUCACIÓN AMBIENTAL. Aguardando o retorno da avaliação para, posteriormente, ser apresentado no evento e publicado em revista.

APÊNDICE B - Resumo expandido denominado Estágio Supervisionado na Educação de Jovens e Adultos: Práticas Pedagógicas e Reflexões Críticas.³



I SEPECBio
I Simpósio de Estágio e Pesquisa em Ensino de Ciências e Biologia
26 e 27 de março de 2026 | UFPA - Bragança-PA



ESTÁGIO SUPERVISIONADO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: PRÁTICAS PEDAGÓGICAS E REFLEXÕES CRÍTICAS.

Patrick Rosário Ribeiro

Universidade Federal do Pará / UFPA
patrick.ribeiro@braganca.ufpa.br

Rebeca Sabrina Cunha Marcos

Universidade Federal do Pará / UFPA
rebeca.marcos@braganca.ufpa.br

Priscilany Cavalcante dos Santos

Universidade Federal do Pará / UFPA
priscilanydos@ufpa.br

Eixo temático: Estágios Supervisionados em Ciências e Biologia.

Modalidade: Comunicação oral.

INTRODUÇÃO

O presente resumo expandido tem como objetivo sistematizar as experiências vivenciadas durante o Estágio Supervisionado IV na modalidade Educação de Jovens e Adultos (EJA), realizado na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Prof.^a Yolanda Chaves, em Bragança-PA.

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) consolida-se como um espaço fundamental de reinserção educacional, voltado a sujeitos que tiveram seus percursos escolares interrompidos por determinantes sociais, econômicos e culturais. No cenário atual, essa modalidade é fortalecida por mecanismos de gestão como o Pacto Nacional pela Superação do Analfabetismo e Qualificação da Educação de Jovens e Adultos (Brasil, 2024). Segundo o Ministério da Educação (MEC), esta é uma política pública estruturada de forma colaborativa entre a União, estados, Distrito Federal e municípios, visando não apenas o retorno à sala de aula, mas a garantia de uma formação qualificada e inclusiva.

³ Resumo expandido aprovado, apresentado e publicado nos anais do evento.

ANEXOS

ANEXO A - Certificado de apresentação no I SEPECBIO



ANEXO B – Certificado de participação no I SEPECBIO